

RUBENS RIANI: Importante, porque mostrava também que apesar de todo drama que ele tinha, ele conseguia canalizar toda a sua energia para algo construtivo. Então para nós também era uma diretriz de sempre canalizar as nossas frustrações, as nossas raivas, indignações para algo construtivo. Nós nunca tivemos problema algum com relação a transtorno, trauma e que nos levasse a cometer qualquer ato contra quem quer que seja, muito pelo contrário, a gente sempre mostrou muita dignidade, porque isso eles não poderiam tirar de nós. Acho que a gente tem que preservar tudo. Liberdade é importante, mas a dignidade é mais. Isso eles não tiraram. A honradez também não. Então acho que isso fica registrado, acho que é importante que a gente lute sempre, porque sempre vão atentar contra a gente, mas... Nós sempre tivemos uma liberdade muito vigiada, a todo instante tinha alguém acompanhando. É tão irônico que papai já deputado, depois da anistia, quando voltou, ele se elegeu pelo PMDB em 82 e ele resolveu fazer faculdade de Direito, isto porque minha mãe, apesar de só ter o segundo ano primário, ela tinha uma força moral muito grande e colocou de que a nossa vida só iria melhorar se todos estudassem, então ela fez com que todos os dez filhos se formassem, né, então todos são formados em uma faculdade. E isso sem dinheiro, isso sem apoio do marido, isso sem apoio da sociedade como um todo, mas tínhamos amigos, os amigos foram importantes. No primeiro ano nós não tínhamos dinheiro para nada. Quando levaram papai, papai nunca trouxe dinheiro para dentro de casa, praticamente, o dinheiro que vinha era praticamente para incentivar a luta sindical. Papai viaja muito, não só no estado de Minas Gerais, mas todo o país. Vamos pensar assim, se hoje a gente ainda tem condições não dignas para os trabalhadores, na época era muito pior. Se hoje a gente fala nos direitos das mulheres, luta pelas mulheres, naquela época era pior. Eu me lembro bem de um relato na qual ele foi chamado a participar no Estado do Espírito Santo de uma ação com trabalhadores rurais, em que eles vieram chorando, eram três homens chorando, que a única esperança que eles tinham é que papai fosse lá, devido não só a sua força moral, mas principalmente pela liderança que ele tinha, pelo engajamento que ele tinha, para poder minimizar ou eliminar a tortura que era feito nos canaviais lá do Espírito Santo. Ao saber que papai ia, o fazendeiro mandou falar que se ele fosse, ele não voltaria vivo, mas mesmo assim ele foi, ele era um homem de luta. Foi, constatou, fez todo um trabalho, fez um relatório muito bem circunstanciado e houve uma intervenção federal no Espírito Santo, com apoio até do governador de lá para que fosse transformada essa situação. Então essa era a luta. Ninguém pagava isso, ele tirava do bolso para poder fazer isso, né, uma coisa meio doida, mas fazia porque era importante lutar por condições dignas. Ninguém vai ser livre se alguém ainda estiver preso, com relações a tortura, com relações a condições não dignas, essa era uma bandeira que

ele tinha. Bem, e nós tivemos uma luta muito grande. Papai ficou perambulando por quarteis, a gente não sabia onde é que ele tava, buscávamos informações, não sabia se ainda tava vivo, tava morto, tava aqui, tava ali, tava na polícia, tava no exército, tava no DOPS, cada hora tava em um lugar. Sofria torturas em alguns lugares, a gente não sabia, mas a gente não parava de buscar, de procurar. Quantas vezes nós viajamos ao Rio de Janeiro de ônibus, eu me lembro bem, porque eu ia, eu era pequeno, minha mãe não podia me deixar sozinho, meus irmãos mais velhos apesar de não terem a idade de 21 anos, mas todos estavam em 17, 18 anos, 16 anos, tiveram que ir trabalhar, amigos ajudaram com isso, empregaram alguns dos meus irmãos para a gente poder ter uma renda, enquanto não tinha renda a gente viveu de cesta básica de amigos, né, então... Bom que sempre os pequenos nos ajudaram, porque os grandes fugiram. O próprio prefeito de Juiz de Fora fugiu, Itamar Franco. Foi papai quem o trouxe para dentro do PTB, foi papai que o elegeu prefeito, e mesmo assim ele nunca esteve com papai. Ele se recusou a visita-lo, ele esteve lá no batalhão onde é que papai tava preso, que eu mencionei ainda pouco, e não quis ir lá visita-lo, então... Mas nós tivemos apoio de outros. Os verdadeiros amigos. Itamar depois até fez uma ação movida pelo Deputado Durval Ângelo, papai hoje recebe uma pensão com relação a essa situação, mas talvez tenha sido para minimizar a consciência. Mas outras pessoas nos ajudaram, isso foi importante, né, o apoio aí não faltou. Fato interessante que não, nos idos aí de 1970, eu e minha irmã fomos ao Rio para poder fazer com que o processo do meu pai andasse. Papai foi preso em 64, e novamente preso em 69, né, e a gente não sabia porquê. Papai era preso, ganhava liberdade, mas na hora que ele ganhava liberdade ele não saía da porta do quartel, porque já tinha um novo mandado de prisão, e assim foi, sucessivamente, mantendo o homem preso, sem nenhuma coisa que pudesse condená-lo. Papai tinha imunidade internacional, papai era membro da OIT, e nem assim os militares deixaram ele de lado. Papai estava na lista dos cassados, o 11º cassado, e sempre a fala dos generais era de muito ódio, de muita raiva de um homem que não tinha arma, de um homem que não tinha nada contra, a não ser fazer o bem para uma coletividade. Papai brigava muito, até hoje ele briga, aos 96 anos, até hoje ele briga, até hoje é muito determinado, mas a determinação dele era isso, era sempre transformar esse país em um país melhor, não só para alguns, mas para todos. Acho que é isso que incomodava a esses militares. Papai, quando estava fazendo a faculdade de Direito, lá em Juiz de Fora, então ele era deputado aqui, trabalhava de segunda a sexta, chegava sexta à noite e ia para a faculdade à noite, ele fez a faculdade particular, estudava à noite e no sábado, então tinha um major que se dirigiu a ele, depois de certo tempo, só para esclarece-lo de que ele estava ali a mando do comandante da 4ª Região Militar para poder acompanhar suas ações, né. Quer

dizer, nós já estávamos em plena transição para democracia, já tinha tido anistia, ele já era deputado, né, então ter um militar dentro da sala de aula, né, como um agente secreto, vocês imaginam o quê que não foi isso em 64. Mas o bom que a gente superou. O bom que a gente caminhou. Eu recinto muito, eu tenho dois filhos, de que eu não pude estar com meu pai, só pude efetivamente estar cotidianamente com ele, eu já tinha 12 anos. A minha infância praticamente então ele não esteve comigo. Interessante, eu sou o caçula dos dez, e foi praticamente o único parto que ele assistiu. Papai não ficava em casa, como eu já disse. No meu ele ficou, porque mamãe já tinha 40 anos e o meu parto era de risco, alto risco, né. Se hoje já é complicado uma mulher de 40 anos ter filho, ainda mais uma gravidez de alto risco, imagina naquela época! Então papai ficou. Então... A minha saúde sempre foi mais frágil, ainda é, acho que muito em função dessa situação, mas mesmo assim a gente lutou, teve apoio, os médicos daquela época ainda são vivos, a quem a gente agradece muito, mas é uma situação que, assim, causa revolta. Uma revolta que não é de raiva, é uma revolta de ser tirado algo seu, sem nenhum motivo, sem nenhum mérito nisso, isso não engrandeceu a ninguém, em nada o país, em nada a nação, contra o papai nunca foi provado nada, eles tentaram forjar um, e forjaram, um processo de empréstimo de recurso para alimentação de um evento sindical em que o próprio tesoureiro interventor dos militares falou que estava tudo em ordem. Então, assim... São situações muito complicadas. A última prisão do papai, eu visitei várias delas, meus irmãos também, a última delas foi na Ilha Grande, engraçado que o Fernando Gabeira também estava preso, só que o Gabeira estava preso como preso político, era uma casa bacana, bonitinha, com jardim, e papai como preso comum, em uma cela lá de 30, 40 pessoas, todas dormindo no chão, em que...